

MARÍA DUEÑAS

SIRA

A continuação
do best-seller
**O TEMPO
ENTRE
COSTURAS**



 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

MARÍA DUEÑAS

 **SIRA**
Planeta

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

Copyright © María Dueñas, 2021
Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Sandra Martha Dolinsky
Todos os direitos reservados.
Título original: *Sira*

Preparação: Mariana Rimoli

Revisão de texto: Fernanda Guerriero Antunes e Elisa Martins

Diagramação: 3Pontos Apoio Editorial Ltda

Capa: Rafael Brum, a partir do projeto original do Departamento de Arte & Designo

Imagem de capa: Tea & Biscuits © Johnny Popkess

Foto da autora: © Ricardo Martín

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dueñas, María, 1964-
Sira / María Dueñas; tradução Sandra Martha Dolinsky.
– São Paulo: Planeta, 2021.
480 p.

ISBN: 978-65-5535-452-2

Título original: *Sira*

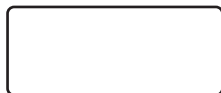
1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

21-2592

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

PALESTINA

9

SEGUNDA PARTE

GRÃ-BRETANHA

105

TERCEIRA PARTE

ESPANHA

197

QUARTA PARTE

MARROCOS

361

EPÍLOGO

463



Planeta



PRIMEIRA PARTE

Planeta

PALESTINA

Aquela máquina de escrever não detonou meu destino. Eu me enganei ao pensar isso quando ainda era jovem e ignorante; quando ainda não havia arquivado em minha memória palavras como violência, amargura, desolação ou raiva e era incapaz de prever as separações que a vida me reservava. Não, meu destino não foi mudado por um inocente mecanismo destinado a juntar letras. Quem dera houvesse sido assim, mas o porvir me reservava outra sina. Trezentos e cinquenta quilos de explosivos depositados no porão de um hotel em Jerusalém: algo infinitamente mais sinistro.

O verão de 1945 nos levou ao Oriente Próximo; deixamos para trás uma Espanha faminta e submissa e uma Europa massacrada que estava começando sua reconstrução com doloroso esforço. Um ano e alguns meses antes, por convicção mútua e para me proteger de indesejáveis contingências em minhas funções de colaboradora dos serviços secretos britânicos, Marcus e eu nos casamos em Gibraltar em um dia ventoso de março, com a Península de um lado e o norte da África do outro – os territórios díspares e intimamente próximos que tanto significavam para nós.

Em vez de uma cerimônia tradicional, nós nos submetemos a um mero trâmite oficial tão breve quanto austero; El Peñón se encontrava militarizado desde os túneis até seu pico mais alto e praticamente deserto de população civil, todos evacuados desde o início da segunda grande guerra por medo de que os alemães os acabassem invadindo. Não houve flores nem fotografias, nem sequer alianças naquele gabinete de The Convent, a residência do governador. Marcus apresentou sua documentação *bona fide*, um passaporte diplomático em nome de Mark Bonnard, sua verdadeira identidade: Logan era só um disfarce para tempos turvos. Depois dos “aceito” de praxe, fiz o juramento protocolar de lealdade ao monarca em meu frágil inglês, e de imediato expediram outro documento com meu novo nome. Sira Bonnard, antes Arish Agoriuq, antes Sira Quiroga, acabava de se tornar a nova súdita da Grã-Bretanha. Minhas últimas palavras foram só um murmúrio: “*So help me God*”. Talvez ninguém tenha percebido, mas no momento de pronunciá-las não pude evitar me emocionar: apesar da frieza do procedimento, com isso ratificávamos um amor capaz de superar adversidades e turbulências, fronteiras e distâncias.

De volta a Madri, a certidão de casamento e meu novo passaporte ficaram sob custódia da embaixada e nós continuamos levando vidas aparentemente díspares, encontrando-nos sempre às escondidas, ele mantendo suas atividades, idas e vindas em prol de seu país, e eu reportando informações furtadas das esposas dos dirigentes nazistas, encoberta sob a aparência da valorizada costureira que chegara à capital como se houvesse caído do céu.

Quando a Alemanha assinou sua rendição e ordenou cessar todas as suas operações bélicas no início de maio de 1945, fechei aquele ateliê de Núñez de Balboa que os ingleses haviam montado para mim e fui morar com Marcus. Não foi fácil abandonar meu ofício, as tarefas que haviam preenchido meus dias propiciando-me satisfações e orgulho, contatos e lucro. Em face dos acontecimentos dos últimos tempos, no entanto, parar de costurar foi um alívio: aquele que fora meu trabalho desde a infância acabara se transformando em uma tarefa ingrata, por ter que tratar com uma clientela de indesejáveis perante a qual eu tinha que mostrar com hipocrisia minha cordialidade mais fraudulenta. Cheguei a sentir que os tecidos e moldes pesavam como lápides, as linhas se tornaram cordas que me estrangulavam, e o mero fato de provar minhas peças sobre o corpo de mulheres a quem eu desprezava acabou resultando em uma tarefa vomitiva para mim. Parar de enganar, esquecer todas elas e não ter que encobrir nada acalmou minha inquietude e me devolveu o sossego.

Mas eu sabia que aquela nossa convivência no apartamentinho simples da rua Miguel Ángel seria breve. O desmoronamento do Terceiro Reich e a vitória dos aliados marcavam também o final da missão na Península de meu até então marido clandestino. Era hora de repensar um futuro, e nossos interesses apontavam em direções díspares.

O desejo de Marcus era que nos mudássemos para a Inglaterra, para ajudar a devolver a prosperidade à sua pátria. De minha parte, eu também ansiava sair da Madri dos apagões, da propaganda berrante, do pão preto e das revanches, onde em cada casa havia algum morto a prantear, onde as pessoas ainda dormiam com o rancor debaixo do travesseiro e se raspava a cabeça das crianças para que não fossem comidas pelos piolhos. Não, eu não queria continuar naquele cenário horrendo; preferia que meus filhos nascessem em um lugar sem rastros de horror nas ruas nem desesperança no rosto das pessoas. Por isso lhe propus voltar ao Marrocos, sob seu calor luminoso, perto do ontem e de minha mãe. Ansiava afastar-me dos cenários dessa nossa furtiva existência cheia de acobertamentos e mentiras, esquecer quem fomos e começar a nos mostrar como éramos de cara limpa, sem falsidades, sem incógnitas nem medos.

Ambos os desejos, no entanto, viraram fumaça poucas semanas depois, quando ainda estávamos nos acostumando a caminhar juntos pelas calçadas sem estar constantemente alertas, e ainda nos era difícil assumir que podíamos fazer publicamente coisas simples, como ir a um cinema da Gran Vía ou dançar em Passapoga até a madrugada. O requerimento que Marcus recebeu foi taxativo. Estava sendo requisitado para um novo cargo na Palestina sob o Mandato Britânico. “Incorporação imediata, esposa bem-vinda”, traduziu ele para mim em voz alta. Uma nova missão sob os auspícios do Secret Intelligence Service. Ele não esclareceu mais nada; e eu preferi não continuar perguntando.

Apesar do desconcerto, eu me esforcei para não mostrar abertamente minha decepção. Se soubessem de minha atitude e meu marido não fosse inglês, teriam ficado muito orgulhosas de mim na Seção Feminina: ali estava uma espanhola de raça cumprindo exemplarmente o papel de cônjuge abnegada que o novo regime franquista impunha, obediente e disposta, o anjo do lar, a esposa perfeita. Afinal de contas, eu não era mais que uma costureira que já nem sequer costurava, ao passo que Marcus, graças a seu eficiente desempenho, havia adquirido alto valor para seu governo. Mais além das obrigações conjugais, no entanto, a verdade era que o tempo só consolidara o amor volátil que nascera entre nós em Tetuán, quando eu era apenas uma moçinha acovardada e ele um jovem agente que andava se apoiando em uma bengala e se fazia passar por jornalista.

Enfim, as engrenagens que moviam o ainda grandioso Império Britânico haviam determinado uma transferência que não combinava com a intenção inicial de Marcus de se restabelecer em seu próprio país, e muito menos com a minha pretensão de retornar à África. Mas como não havia lugar para insubordinação e desacato em nossos princípios, organizamos nossos pertences em dois baús e algumas malas e no fim de junho tomamos o caminho rumo a nosso novo lugar no mundo, com uma breve passagem por Londres: só o tempo para que Marcus recebesse instruções, para que pudéssemos ver a mãe dele e para constatar com nossos próprios olhos a triste realidade de outra capital atribulada.

Ter que enfrentar a desconhecida *Lady* Olivia Bonnard provocava-me uma ansiedade desconcertante. Eu, que havia anos circulava com tino entre exemplares humanos de todo tipo, de súbito me sentia insegura. “Devo usar o *Lady* para falar com ela?”, sussurrei para Marcus ao chegar a nosso encontro, com a vista fixa na fachada de estuque branco, desbotada, descascada e, mesmo assim, esplendorosa. Ele me deu uma piscadinha com uma expres-

são que não consegui interpretar. Talvez pretendesse, irônico, tranquilizar meu nervosismo de esposa novata perante a figura sempre inquietante de uma sogra. Ou talvez estivesse apenas me prevenindo sobre o tipo de mulher que nos esperava naquela residência de The Boltons, na área de Brompton, Kensington: um local cuja distinção não servira de blindagem contra os sanguinários ataques da aviação alemã.

Casa e proprietária pareciam se acoplar com perfeição: castigadas e ao mesmo tempo formidáveis, harmoniosas tanto em seus esqueletos quanto em suas entranhas. Ambas um tanto decadentes, porém dignas e inteiras. Imponentes. Por sorte, eu acumulara durante anos perícia nas artes do fingimento e aprendera a me mover com desenvoltura em ambientes cheios de pessoas distintas e extravagâncias de todas as tonalidades; graças a isso, engoli meu nervosismo inicial e consegui manter o aprumo durante aquele primeiro chá naquele jardim lindo e meio selvagem. Fingindo segurança, usei todo o meu charme e as minhas melhores maneiras e me limitei a dosar sorrisos comedidos e intervenções breves. Enfim, comportei-me como a mais adorável de todas as possíveis esposas.

Em contrapartida, a atitude dela para comigo circulou entre o mínimo de gentileza própria de seu bom berço, algumas expressões de desdém e uma etérea indiferença. A imagem dela não combinava em absoluto com a que eu havia antecipado: eu a imaginara austera e sóbria, consoante com os tempos de dureza que o país havia sofrido e continuava sofrendo. Mas nada bateu. Olivia Bonnard era de outra matéria.

Com seu rosto anguloso e uma longa trança grisalha sobre o ombro esquerdo, envolta em uma túnica de veludo puída, fumando um atrás do outro os Chesterfield americanos que Marcus havia conseguido para ela de contrabando em Madri, *Lady* Olivia inclusive não se furtou a dar umas cutucadas em minha moral. Não disfarçou algumas caretas altivas diante de meu inglês imperfeito e em duas ocasiões fingiu não lembrar como pronunciar meu nome: Saira? Sírea? Seira? Em outros momentos, deixou-me com uma frase pela metade para se inclinar e pôr um pedaço de sanduíche de pepino na boca de um dos seus cães – os três meio loucos, um manco, todos velhos.

Era óbvio que lhe era incômodo aceitar como nora uma estrangeira sem raízes nem fortuna, procedente de um país tosco, atrasado e católico onde irmãos se mataram havia se transformado em um costume sanguinário.

Mas verteu seu afeto em Marcus, seu filho mais velho, o único descendente vivo daquela minguada família que agora só contava com eles dois como membros. Segundo os bem típicos modos britânicos, mal tiveram

contato físico: nem beijos, nem abraços nem nada. Em um momento, apenas, ela bagunçou o cabelo dele com seus dedos ossudos, e isso foi tudo. Mas a sintonia era inquestionável, e eles destilavam cumplicidade e se pareciam no tom esverdeado dos olhos, nas veias que corriam pelo pescoço de ambos, até no formato das orelhas. Encadeando temas de conversa em um inglês afiado que me foi difícil acompanhar, em vários momentos de sua conversa sem fim ela soltou algumas pérolas cheias de elegante sarcasmo que o fizeram gargalhar, relaxado como poucas vezes, com suas longas pernas cruzadas sobre a relva crescida e os olhos semicerrados pelo sol de verão no jardim de sua infância: o agente experiente e cético com os quarenta já completos, momentaneamente infantilizado sob a asa protetora da mãe.

“A guerra foi dura para ela”, murmurou Marcus ao entrar de novo no carro que nos levaria até Heathrow. Como se quisesse justificá-la. Nós a contemplamos pela janela: ela nos via partir no degrau mais alto da entrada, estoica entre as duas sujas colunas de estuque que sustentavam o alpendre, insolitamente majestosa sob sua velha túnica, com os cachorros doidos aos pés, um cigarro entre os lábios e aquela trança singular. A moral vitoriana na qual fora criada a impedia de expressar abertamente seus sentimentos. Nem sequer acenou um adeus. Mesmo assim, eu intuí que, ao se despedir do filho, um nó como um punho apertado lhe obstruía a garganta.

Viúva desde jovem de *Sir* Hugh Bonnard, perdeu sua única filha devido a uma meningite antes do fim da adolescência e o filho mais novo, piloto da RAF, em combate no início da batalha da França. Sem nunca ter se dedicado a outra coisa na vida além das ociosidades próprias de sua condição e seu gênero, a dor e o patriotismo contagioso do momento a levaram, a partir de então, a se livrar da indolência e abrir sua casa para quem necessitasse, no afã de ajudar no possível. Inclusive, vendeu a preços baixos alguns dos seus móveis, muitos dos seus bronzes, joias e quadros, porcelanas, peles e tapetes. E o dinheiro que obteve usou para paliar as necessidades dos desventurados que a deusa Fortuna se esquecera de tocar com seu condão. Marcus já havia me contado um pouco dessas coisas em Madri, mas em tom meramente informativo. Agora, porém, falava do âmago enquanto no trajeto de nosso carro ia me mostrando os estragos dos bombardeios nos arredores. A grandiosa propriedade de Bladen Lodge próxima à sua casa não era mais que uma pilha de escombros; a vizinha igreja anglicana de Saint Mary The Boltons havia ficado sem órgão, sem vitrais, sem teto. Até a grade de ferro que circunvalava o parque fora arrancada para ser fundida e dedicada à fabricação de armamentos.

A notícia do fim da guerra havia deixado os londrinos em júbilo: mais de um milhão de seres encheram as áreas centrais após o anúncio, chegando em ônibus e caminhões abarrotados, em carros, andando, correndo, de metrô, de bicicleta. Os aviões sobrevoaram a cidade festivos, ecoavam pelo ar as sirenes dos rebocadores do rio e os sinos arrebatados de montes de igrejas. As massas se amontoaram gritando até a afonia, cantando, rindo, aplaudindo e agitando bandeiras, com chapéus de papel, sem a menor solenidade, livres do pânico. Em Piccadilly Circus, rapazes de uniforme dançavam conga com garotas radiantes com roupas de domingo, montes de jovens entraram na fonte da Trafalgar Square com as calças arregaçadas; o rei, a rainha e o primeiro-ministro, Winston Churchill, à sacada do Palácio de Buckingham, foram repetidamente aclamados com fervor.

Mas quando Marcus e eu fizemos nossa breve parada na cidade dele, daquela vitoriosa euforia coletiva não restava nem rastro. Já haviam se passado quase dois meses, e já tudo era realidade e crua certeza. Os quase seis anos de guerra deram lugar a uma Grã-Bretanha empobrecida, arrasada e exausta. Além das centenas de milhares de soldados tombados ou gravemente feridos nas diversas frentes do continente, os bombardeios da Luftwaffe causaram mais de sessenta mil civis mortos nas ilhas, quase noventa mil feridos e pessoas aos montes sem lar, sem emprego, sem alento. A Blitz destruiu, só em Londres, mais de quarenta mil imóveis, reduzindo-os a cascalho, ferros retorcidos, madeira queimada e cinzas. Faltava de tudo: moradia e alimentos, material de construção, carvão, roupas. As arcas do Tesouro estavam secas e as dívidas contraídas chegavam a magnitudes gigantescas; todas as esquinas supuravam abatimento.

Tive uma imensa sensação de alívio ao entrar em nosso avião da Boac para perder de vista essa ilha alheia à qual, porém, eu estava irremediavelmente amarrada por um passaporte e um marido. Nem sequer olhei pela janela, só segurei a mão de Marcus e fechei com força os olhos quando iniciamos a decolagem. Com ele ao meu lado, eu tinha certeza de que tudo seria suportável.

Percorrendo uma das clássicas rotas do Império, a primeira escala nos levou até Malta; logo rumamos ao Cairo e por fim aterrissamos, no dia seguinte, no pequeno aeroporto de Lida, construído uma década antes pelos ingleses sobre solo palestino.

Como eu poderia imaginar, enquanto descíamos a escadinha daquele Avro York para pisar a Terra Santa, que em apenas um ano e meio voltaria a essa Londres em ruínas?

Como prever as escabrosas e desventuradas tramas da vida que Olivia Bonnard e eu acabaríamos percorrendo juntas? Sem Marcus. Sem harmonia. Sem nos entendermos.

2

Somente quatro passageiros desceram da aeronave conosco; o resto seguiria até Karachi. Ao pé da pista nos esperava um motorista árabe obsequioso e corpulento. Levamos quase duas horas para chegar a Jerusalém; de vez em quando cruzávamos com vários veículos militares britânicos: patrulhas noturnas em um território que ia se armando silenciosamente. Marcus ficou calado quase todo o trajeto; eu não insisti em falar, já conhecia seus silêncios. Pensava, refletia, ia se situando. Ele chegava à Palestina sob o mandato colonial de seu próprio país nem bem acabada a guerra, quando ainda não se sabia se voltariam, e como, as tensões entre árabes, judeus e britânicos após a trégua da contenda. Duração da estadia indeterminada, discrição máxima, prudência extrema. Isso era a única coisa que eu devia saber: nem suas maneiras de operar, nem seus protocolos nem seus contatos ou esforços. Não era questão de falta de confiança: simplesmente essa era a maneira de se trabalhar. Como se estivéssemos separados por um vidro. Em compartimentos herméticos.

“Ninguém augura bons tempos”, murmurou ele ao ver passar o enésimo veículo carregado de compatriotas uniformizados. Razão não lhe faltava. Em 1917, conforme estipulado na Declaração Balfour, o Governo de Sua Majestade se comprometera a apoiar as aspirações dos judeus sionistas, que ansiavam por um assentamento definitivo para seu povo: *a national home*, um conceito difuso e ambíguo que para uns inspirou esperanças e para outros receio. Acaso isso significava a criação de um novo Estado judeu independente dentro da Palestina? Ou talvez um lugar para a minoria judia dentro de um Estado árabe? Ninguém parou para esclarecer detalhes em um primeiro momento.

Dentro do carro ficamos em silêncio, mas durante as semanas e voos anteriores Marcus fora me passando uma panorâmica do local e do tempo